

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2009

I. PARTÊNIO, *PAIXÕES DE AMOR*, 17: II. “SOBRE A MÃE DE PERIANDRO”

Parténio de Niceia era um poeta e mitógrafo de origem grega que foi capturado pelos Romanos, durante a Terceira Guerra Mitridática. Seguiria para Itália (c. 72 a.C.) com o estatuto de prisioneiro de guerra e escravo, acabando no entanto por ser libertado, graças às qualidades artísticas que já então revelava.¹ É-lhe geralmente reconhecida uma grande influência entre os chamados *poetae noui*, na medida em que teria divulgado a poesia alexandrina em Roma, sendo por vezes considerado mesmo uma espécie de ‘profeta’ de Calímaco em terras itálicas. Os fragmentos da sua poesia são escassos, mas preserva-se uma série de relatos sobre amores com um desfecho infeliz: *Erotika Pathemata*.² Apesar do seu carácter um tanto grotesco e rebuscado, esta obra acabou por exercer uma grande atracção, motivada pelo erotismo que a caracteriza, e revelar-se bastante útil para a compreensão da escrita romanesca antiga.

Conforme Parténio esclarece na abertura da obra, o trabalho seria dedicado a outro poeta elegíaco (Cornélio Galo) e destinava-se a constituir uma espécie de repositório de material poético para uso de ambos (*Prefácio*, 1-2):

¹ Sobre a problemática ligada à reconstituição dos dados biográficos de Parténio, vide LIGHTFOOT (1999) 9-16; FRANCESE (2001) 17-28.

² FRANCESE (2001), 72, sustenta que, apesar de o sentido de *pathemata* corresponder na Época Helenística sobretudo à noção de ‘paixões’, Parténio terá usado o termo preferencialmente no sentido pré-platónico de ‘sofrimentos’ ou ‘desgraças’, de forma que a expressão *Erotika Pathemata* corresponderia mais à ideia de ‘Histórias de Amor Infortunadas’. De resto, conforme recorda o estudioso, tem sido já sugerido que essa mesma expressão seria o termo genérico usado na Antiguidade para designar o romance de amor. Sobre a debatida questão da origem e designação da escrita romanesca grega, vide FUTRE (2005).

ΠΑΡΘΕΝΙΟΣ ΚΟΡΝΗΛΙΩΙ ΓΑΛΛΩΙ ΧΑΙΡΕΙΝ.

1. Μάλιστα σοὶ δοκῶν ἀρμόττειν, Κορνήλιε Γάλλε, τὴν ἄθροισιν τῶν ἐρωτικῶν παθημάτων ἀναλεξάμενος ὡς ὅτι πλεῖστα ἐν βραχυτάτοις ἀπέσταλκα. τὰ γὰρ παρὰ τισι τῶν ποιητῶν κείμενα τούτων, μὴ αὐτοτελῶς λελεγμένα, κατανοήσεις ἐκ τῶνδε τὰ πλεῖστα·
2. αὐτῷ τέ σοι παρέσται εἰς ἔπη καὶ ἐλεγείας ἀνάγειν τὰ μάλιστα ἐξ αὐτῶν ἀρμόδια. <μηδέ> διὰ τὸ μὴ παρεῖναι τὸ περιττὸν αὐτοῖς, ὃ δὴ σὺ μετέρχη, χεῖρον περὶ αὐτῶν ἐννοηθῆς· οἰονεὶ γὰρ ὑπομνηματίων τρόπον αὐτὰ συνελεξάμεθα, καὶ σοὶ νυνὶ τὴν χρῆσιν ὁμοίαν, ὡς ἔοικε, παρέξεται.

Parténio a Cornélio Galo, saudações.

1. A ti em particular, Cornélio Galo, pensei que iria interessar esta recolha de *Paixões de amor*, que eu reuni e agora envio da maneira mais expedita possível. Com efeito, estes episódios, tal como são tratados nesses poetas que os abordam, não se encontram claramente expostos nas suas linhas fundamentais: a partir da minha recolha, porém, serás capaz de compreender o essencial da maior parte deles. 2. Caberá agora a ti transpor os mais interessantes entre eles para verso épico ou elegíaco. E não os consideres inferiores, só porque não possuem o refinamento estilístico que tu cultivas. Eu compilei-os à maneira de simples apontamentos breves e pareceu-me que talvez agora eles pudessem servir idêntico propósito junto de ti.

Este prefácio, exposto num estilo epistolar, apresenta a obra como cumprindo um fim essencialmente prático de facultar uma espécie de repositório de paixões amorosas expostas de forma linear, fornecendo assim material que poderia depois ser reelaborado em composições poéticas mais ambiciosas. A escolha do termo *hypomnematation* para designar a colectânea acaba por revelar-se bastante significativa: sendo um diminutivo, acentua os objectivos modestos que Parténio lhe reserva. Por outro lado, a palavra de que deriva — *hypomnema* — possui uma longa tradição literária, que remonta já a Tucídides, sendo utilizada quer no sentido etimológico de ‘nota’, como ainda no de ‘apontamento’ breve, destinado a ser usado mais tarde como base para elaborar um trabalho mais complexo. O uso de *hypomnemata* está associado, em particular, à tradição peripatética e, através dela, aos

poetas alexandrinos, de maneira que, também por esta via, Parténio se posiciona na esteira de Calímaco e de outros autores do mesmo período.³

Para a escrita desses ‘apontamentos’, Parténio recorre à tradição literária anterior, baseando-se na própria historiografia, onde por vezes se encontrava o embrião de paixões amorosas que ele reescreve à luz de paradigmas trágicos.⁴ É o que acontece com o episódio escolhido para iniciar a abordagem do opúsculo de Parténio: a relação de incesto do tirano Periandro com a mãe. Heródoto refere já vários dos excessos cometidos por Periandro, mas não menciona ainda o crime de incesto.⁵ De acordo com o testemunho de Diógenes Laércio (1.96), a criação do relato da ligação incestuosa entre mãe e filho ficaria a dever-se a Aristipo, que aborda a questão no primeiro livro do *Tratado sobre a Luxúria dos Antigos*. Aristipo esteve activo na segunda metade do séc. III a.C.,⁶ mas seria Parténio, que viveu cerca de dois séculos mais tarde, quem iria aproveitar e expandir a ideia do incesto, apresentando uma versão mais romanceada. Ora é precisamente o tratamento dado por Parténio que será agora evocado na íntegra (*Paixões de Amor*, 17):

Περὶ τῆς Περιάνδρου μητρὸς

17.1. Λέγεται δὲ καὶ Περιάνδρον τὸν Κορίνθιον τὴν μὲν ἀρχὴν ἐπιεικῆ τε καὶ πρῶον εἶναι, ὕστερον δὲ φονικώτερον γενέσθαι δι' αἰτίαν τήνδε. ἡ μήτηρ αὐτοῦ κομιδῆ νέου πολλῶ <πόθω> κατείχετο· καὶ τέως <μὲν> ἀνεπίμπλατο τῆς ἐπιθυμίας περιπλεκομένη τῷ παιδί. 2. προϊόντος δὲ τοῦ χρόνου τὸ πάθος ἐπὶ μείζον ἤΰξετο καὶ κατέχειν τὴν νόσον οὐκ ἔτι οἶα τε ἦν, ἕως ἀποτολήσασα προσφέρει λόγους τῷ παιδί, ὡς αὐτοῦ γυνὴ τις ἐρώη τῶν πάνυ καλῶν, παρεκάλει τε αὐτὸν μὴ περιορᾶν αὐτὴν περαιτέρω καταξαινομένην. 3. ὁ δὲ τὸ μὲν πρῶτον οὐκ ἔφη φθερεῖν ἐξευγμένην γυναῖκα ὑπὸ τε νόμων καὶ ἐθῶν, λιπαρῶς δὲ προσκειμένης τῆς μητρὸς συγκατατίθεται. καὶ ἐπειδὴ νύξ ἐπίηλθεν,

³ Mais pormenores em LIGHTFOOT (1999) 217-222.

⁴ E onde se nota, em especial, a influência de Eurípides. Vide FRANCESE (2001) 99-108.

⁵ A relação de Parténio com outras fontes no tratamento deste tópico será objecto de uma análise mais demorada num artigo a publicar no próximo número da *Revista Portuguesa de Humanidades*: Delfim F. Leão, “Entre a história e o *topos* literário: a relação incestuosa do tirano Periandro e sua mãe”.

⁶ FRANCESE (2001) 84 n. 48.

εἰς ἦν ἐτέτακτο τῷ παιδί, προεδήλωσεν αὐτῷ μήτε λύχνα φαίνειν ἐν τῷ θαλάμῳ μήτε ἀνάγκην αὐτῇ ἐπάγειν πρὸς τὸ διαλεχθῆναι τι· ἐπιπροσδεῖσθαι γὰρ αὐτὴν <τοῦτο> ὑπ' αἰδοῦς. 4. καθομολογησαμένου δὲ τοῦ Περιάνδρου πάντα ποιήσιν κατὰ τὴν ὑφήγησιν τῆς μητρὸς, ὡς ὅτι κράτιστα αὐτὴν ἀσκήσασα εἰσέρχεται παρὰ τὸν παῖδα καὶ πρὶν ἢ περιφαίνειν ἔω, λαθραίως ἔξεισιν. τῇ δ' ὑστεραία ἀναπυνομένης αὐτῆς, εἰ κατὰ νοῦν αὐτῷ γένοιτο καὶ εἰ αὐτὴς λέγοι αὐτὴν παρ' αὐτὸν ἀφικέσθαι, ὁ Περιάνδρος σπουδάζειν τε ἔφη καὶ ἡσθῆναι οὐ μετρίως. 5. ὡς δὲ <ἐκ> τούτου οὐκ ἀνίει φοιτῶσα πρὸς τὸν παῖδα καὶ τις ἔρωσ ἐπήρει τὸν Περιάνδρον, ἤδη σπουδὴν ἐτίθετο γνωρίσαι τὴν ἄνθρωπον ἣτις ἦν. καὶ ἔως μὲν τινος ἐδεῖτο τῆς μητρὸς ἐξικετέῃσαι ἐκείνην, ὅπως τε εἰς λόγους αὐτῷ ἀφίκοιτο, καὶ ἐπειδὴ εἰς πολὺν πόθον ἐπ<αγ>αγοίτο αὐτόν, δήλη ποτὲ γένοιτο· νυνὶ δὲ παντάπασι πράγμα ἄγνωμον πάσχειν διὰ τὸ μὴ ἐφίεσθαι αὐτῷ καθορᾶν τὴν ἐκ πολλοῦ χρόνου συνοῦσαν αὐτῷ. 6. ἐπεὶ δὲ ἡ μήτηρ ἀπειργεν αἰτιωμένη τὴν αἰσχύνην τῆς γυναικός, κελεύει τινὰ τῶν ἀμφ' αὐτὸν οἰκετῶν λύχνα κατακρύψαι. τῆς δὲ κατὰ τὸ σύνηθες ἀφικομένης καὶ μελλούσης κατακλίεσθαι ἀναδραμῶν ὁ Περιάνδρος ἀναιρεῖ τὸ φῶς καὶ κατιδὼν τὴν μητέρα ὤρμησεν ἐπὶ τὸ διεργάσασθαι αὐτήν. 7. κατασχεθεὶς δὲ ὑπὸ τινος δαιμονίου φαντάσματος ἀπετράπετο κάκ τούτου παραπλήξ ἦν νοῦ τε καὶ φρενῶν κατέσκηπέ τε εἰς ὠμότητα καὶ πολλοὺς ἀπέσφαξε τῶν πολιτῶν. ἡ δὲ μήτηρ πολλὰ κατολοφυραμένη τὸν ἑαυτῆς δαίμονα ἀνεῖλεν ἑαυτήν.

Sobre a mãe de Periandro

17.1. Conta-se que Periandro de Corinto começava por ser uma pessoa transigente e agradável, mas que depois se transformou num tirano sanguinário, pelo seguinte motivo: quando era ainda apenas um rapaz, a mãe foi tomada por um violento ardor pela sua pessoa, mas de início conseguiu satisfazer a luxúria abraçando-se à criança. 2. Mas com o passar do tempo, a paixão aumentou de intensidade e ela deixou de ser capaz de aguentar a maleita, até que ganhou o atrevimento bastante para abordar o rapaz e dizer-lhe que certa mulher, de grande beleza, estava apaixonada por ele, exortando-o a que não continuasse indiferente enquanto a mulher se consumia de paixão. 3. De início, Periandro começou por dizer que não desejava corromper uma mulher casada, desrespeitando assim as leis e os bons costumes. Mas perante a contínua insistência da mãe, acabou por dar o seu consentimento. E assim,

quando chegou a noite aprazada para o encontro com o rapaz, a mãe declarou-lhe que não deveria acender nenhuma lâmpada no quarto e ainda que não havia necessidade de levar a mulher a proferir qualquer palavra; com efeito, ela tivera de agir daquela forma devido à vergonha que sentia. 4. Periandro aquiesceu em tudo fazer de acordo com as instruções facultadas pela mãe. Então esta arranjou-se com todo o cuidado e foi ter com o rapaz, voltando a sair sorrateiramente, antes que despontasse a aurora. Na manhã seguinte, indagou junto dele se tudo havia decorrido a seu contento e ainda se deveria dizer à mulher para regressar outra vez. Periandro respondeu que estava ansioso por isso mesmo e que o encontro lhe tinha agradado imenso. 5. A partir de então, ela passou a visitar o rapaz com frequência e Periandro começou a ser invadido por um certo amor e a ficar muito desejoso de saber quem seria a tal pessoa. Durante algum tempo, insistiu com a mãe que pedisse à mulher para esta lhe dirigir a palavra e, dado que o havia arrastado para um ardor assim tão intenso, que lhe revelasse por fim a identidade. Pois no ponto em que as coisas se encontravam, achava de uma grande insensibilidade que não lhe fosse permitido ver a mulher com a qual se deitava havia já tanto tempo. 6. Mas quando a mãe recusou, justificando-se com a vergonha que a mulher sentia, ele deu instruções a um dos escravos às suas ordens para ocultar uma lâmpada no quarto. E assim que ela foi ao seu encontro, como de costume, para se deitar junto dele, Periandro deu um salto e destapou a luz. Ao deparar-se com a mãe, avançou para ela com intenção de a matar. 7. Mas deteve-se, sustido pela aparição de uma imagem divina. Daí em diante, porém, ficou afectado tanto da cabeça como do coração. Deixou-se arrastar para os abismos da crueldade e assassinou muitos cidadãos. Quanto à mãe, depois de lamentar longamente a sua sorte, acabou por morrer às próprias mãos.

No testemunho de Diógenes Laércio (1.96) atrás referido, o doxógrafo informava que Aristipo teria sido responsável pela introdução do motivo do incesto entre o rol de crimes de natureza sexual que mancharam a imagem de Periandro. A responsabilização da mãe do tirano (Crateia, cujo nome é omitido por Parténio) encontra-se já presente no relato de Aristipo, bem como o deleite que a relação começou por inspirar em Periandro e o conseqüente mal-estar, que o levaria a endurecer o governo e a tornar-se odioso aos concidadãos. Pelo que se pode depreender a partir de Diógenes, Aristipo não trataria o suicídio voluntário de Crateia, que é pelo contrário explorado por Parténio como produto do arrependimento serôdio da mãe de Periandro.

Ainda assim, este elemento parece também ter passado a integrar a tradição relativa àquele crime passional, conforme ilustram tratamentos posteriores, e certamente por causa das elevadas potencialidades trágicas que comporta.⁷

Embora o resumo que Diógenes fornece do *Tratado sobre a Luxúria dos Antigos* não permita estabelecer com segurança a extensão e os pormenores da forma como Aristipo explorava o tema do incesto, não será improvável deduzir do estado actual das fontes que Parténio teria adicionado matizes vários ao relato inicial.⁸ É de notar que Parténio não se revela propriamente hostil a Periandro, na medida em que desculpabiliza em boa parte a sua actuação. O jovem começou por resistir, preocupado em não desrespeitar a lei e a moral que deveriam resguardar uma mulher casada (Οὐκ ἔφη φθερεῖν ἐξευγμένην γυναῖκα ὑπὸ τε νόμων καὶ ἑθῶν) e foi sobretudo devido à insistência da mãe que cedeu — e ainda assim sem ter consciência de que a infracção dizia respeito a um incesto e não a um mero caso de adultério.

A relativa ingenuidade de Periandro concede à sua actuação uma certa aura de ironia trágica, ao mesmo tempo que concentra sobre Crateia a responsabilidade respeitante à transgressão cometida. A mesma ironia é visível, de resto, no facto de a mãe de Periandro insistir que, a par da grande paixão que a incógnita mulher sente pelo jovem, seria a vergonha (ὑπ' αἰδοῦς [...] αἰτιωμένη τὴν αἰσχύνην τῆς γυναικός) que a impedia de assumir mais abertamente essa doentia paixão.⁹ Ora a vergonha e a exposição pública acabam, efectivamente, por assumir um papel importante no desfecho trágico final, ao afectarem as faculdades mentais e os sentimentos de Periandro (παραπλήξ ἦν νοῦ τε καὶ φρενῶν) e a fuga para o suicídio de Crateia (ἀνείλεν ἑαυτήν). Outro aspecto a juntar ao tratamento dado por Parténio diz respeito à sugestão de que o crime passional teve uma motivação divina: assim se explica o facto de Periandro haver recuado na intenção de matar a mãe (κατασχεθεῖς δὲ ὑπὸ τινος δαιμονίου φαντάσματος ἀπετράπετο),

⁷ Cf. Plutarco, *O banquete dos Sete Sábios*, 146d. Vide ainda LEÃO (2009).

⁸ Sobre a recorrência do tema do incesto na obra de Parténio, vide FRANCESE (2001) 138-143.

⁹ Notar que a paixão de Crateia é caracterizada precisamente como 'maleita' (cf. 17.2. προϊόντος δὲ τοῦ χρόνου τὸ πάθος ἐπὶ μείζον ἠὔξετο καὶ κατέχειν τὴν νόσον οὐκ ἔτι οἶα τε ἦν).

bem como a forma como esta última se lamentou (κατολοφυραμένη τὸν ἑαυτῆς δαίμονα).

O triplo infortúnio do jovem tirano — amoroso, familiar e político — fora motivado não pela intervenção de uma divindade concreta, mas pela ingerência mais fluida e também por isso menos controlável de uma divindade anónima, cujo *modus operandi* faz lembrar a actuação da *Tyche/Fortuna*, a qual surge regularmente na escrita romanesca greco-latina e é muitas vezes a real impulsionadora da diegese.¹⁰ Não surpreende, por isso, que o relato de Parténio venha a estabelecer algumas curiosas semelhanças com o *Conto de Amor e Psique* de Apuleio, no que se refere à estratégia da lâmpada, adoptada para desfazer o tabu visual que esconde o carácter proibitivo da relação, assim desvelando um amante encoberto.¹¹ Também neste pormenor se vê justificada a discreta influência de Parténio na afirmação da escrita romanesca antiga.

BIBLIOGRAFIA CITADA

FRANCESE, Christopher, *Parthenius of Nicaea and Roman Poetry* (Frankfurt am Main, 2001).

FUTRE, Marília Pulquério, “As origens gregas do género”, in F. Oliveira, P. Fedeli & D. F. Leão, *O romance antigo. Origens de um género literário* (Coimbra, 2005), 9-32.

LEÃO, Delfim F., “The tyrannos as a *sophos* in the *Septem Sapientium Convivium*”, in J. R. Ferreira, D. Leão, M. Tröster & P. B. Dias, *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, 2009), 511-521.

LIGHTFOOT, J. L., *Parthenius of Nicaea. Extant Works Edited with Introduction and Commentary* (Oxford, 1999).

DELFIN F. LEÃO

¹⁰ De resto, a proximidade semântica e a concomitância dos conceitos de *tyche* e *daimon* estão aliás bem atestadas já na tradição literária anterior. Vide Liddell-Scott, s.v. δαίμων.

¹¹ Na segunda parte do artigo antes mencionado (supra n. 5), será também explorado o paralelo entre a versão de Apuleio e o autor das *Paixões de Amor*.